

## SOMOS OS NOVOS CONSTRUTORES DA TORRE DE BABEL? UMA ENTREVISTA COM O PROFESSOR DR. RILDO COSSON<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.29327/210932.1.1-8>

Camila Bylaardt Volker  
Universidade Federal do Acre  
camila.volker@ufac.br  
<https://orcid.org/0000-0002-7554-5406>

Aline Suelen Santos  
Universidade Federal do Acre  
aline.santos@ufac.br  
<https://orcid.org/0000-0002-2621-4256>

Em 11 de agosto de 2021, o Curso de Licenciatura em Letras da UFAC comemorou 50 anos. Neste momento em que ainda vivenciamos a pandemia do novo coronavírus e necessitamos de muitos cuidados a fim de evitar a contaminação, todas as comemorações referentes ao cinquentenário aconteceram de modo virtual. Felizmente isso não tirou o brilho das festividades e esta entrevista faz parte dessas comemorações, como uma homenagem e um reconhecimento a um dos muitos educadores formados pelo curso de Letras da UFAC (muitos deles atuando em diferentes cidades do nosso país): o professor e pesquisador Rildo José Cosson Mota, conhecido academicamente como Rildo Cosson. Ex-aluno e ex-professor do curso de Letras da UFAC, Rildo Cosson nasceu no seringal Palmari, em Xapuri, no Acre, local em que ensaiou suas primeiras letras, presentes até hoje em sua trajetória de professor-pesquisador. Dessa forma, para nós, é uma alegria poder contar com sua fala para compor a edição comemorativa dos 50 anos das Letras da UFAC e, sobretudo, compartilhar um pouco de seu saber e, em especial, de sua trajetória nessa instituição de ensino superior.

<sup>1</sup> Entrevista concedida pelo professor Rildo Cosson, professor visitante da Universidade Federal da Paraíba, às professoras Camila Bylaardt Volker e Aline Suelen Santos.



**Entrevistadoras:** As letras fazem parte da sua trajetória como pesquisador e professor. Em qual momento da vida elas ganham sentido na sua construção de pessoa? Há como mensurar esse momento?

**Rildo Cosson:** Fui um leitor precoce. Aprendi a ler antes de ir para a escola. Minha mãe e um tio-avô me ensinaram o alfabeto e insistiam que deveria chegar na escola conhecendo as letras. Eles nunca haviam frequentado uma escola e consideravam que era um lugar para alunos adiantados, ou seja, que já haviam passado das primeiras letras. Não havia livros, cartilhas ou qualquer outro material didático. A lição era tomada depois do jantar com eles e eu rabiscando letras e sílabas no papel rústico que embrulhara o pão à luz fraca de uma lamparina. Quando comecei a frequentar a escola, era menino vindo do seringal e a biblioteca do Colégio Divina Providência passou a ser meu refúgio. O mundo do menino arredio que eu era subitamente se tornou vasto e virei um devorador de livros.

**Entrevistadoras:** O senhor poderia nos contar um pouco sobre a sua trajetória acadêmica e a passagem pela Universidade Federal do Acre (UFAC)?

**Rildo Cosson:** Resolvi prestar vestibular para Letras na UFAC influenciado por um amigo e conterrâneo, Valdecir Nicácio, que já fazia o curso. No segundo ano, quando uma parte de meus colegas de turma resolveu prestar um segundo vestibular para Direito, escolhi ir para História. Naquele momento, já estava decidido a ser professor universitário e achava que o caminho ficava entre a Literatura e a História, os campos de saber com os quais sempre me identifiquei. No último ano do curso de Letras, incentivado por meus professores de referência, Linda Barbary de Mesquita, Clícia Gadelha, Vicente Cerqueira, Iris Célia Cabanellas Zannini, de quem fui monitor em projeto de pesquisa no que seria hoje bolsista Pibic, e orientado por Genésio Fernandes, que não fora meu professor, mas voltara recentemente de seu mestrado, resolvi prestar seleção para mestrado na UnB e na UFPE. Fui aprovado nos dois programas e decidi pela UnB. Assim que terminei o mestrado, fiz concurso para professor de Língua Portuguesa na UFAC porque não havia vaga para a área de Literatura. Iniciei como docente universitário atuando sob a coordenação informal das professoras Dinah Araújo e Raimunda Carvalho. Elas eram muito experientes e já trabalhavam o ensino de língua portuguesa na perspectiva da Linguística Aplicada, uma novidade para a época. Logo depois passei para minha área de formação específica, atuando tanto no curso de Letras em Rio Branco, como nos cursos de licenciatura oferecidos em Xapuri, Brasiléia e Feijó, além de ministrar vários cursos de formação em serviço a professores das redes estadual e municipal de Rio Branco. Quero destacar também que, com o professor Genésio Fernandes, elaboramos um curso de especialização em literatura brasileira contemporânea, e, com a Professora Cíntia Schwantes, realizamos oficinas de escrita criativa e uma exposição de textos poéticos da comunidade acadêmica da UFAC, entre outros projetos e parcerias. Foram momentos de intensa aprendizagem com os colegas e

os alunos. Acredito que foi nessa convivência desafiadora em vários aspectos, mas também extremamente frutífera, que descobri a necessidade de olhar o ensino da literatura como uma questão tão relevante para o curso de Letras como as teorias literárias que havia estudado no mestrado.

**Entrevistadoras:** O conceito de letramento assume diferentes perspectivas a depender do enquadramento teórico a partir do qual esse fenômeno de linguagem é observado. Para os estudos que o senhor desenvolve, o que seria letramento literário?

**Rildo Cosson:** Como escrevi recentemente no artigo *Ensino de literatura, leitura literária e letramento literário: uma desambiguação* (<https://doi.org/10.47250/intrell.v35i1.15690>), o conceito de letramento é resultado do reconhecimento da escrita como elemento central de inclusão e participação na sociedade que, por isso mesmo, passa a ser denominada de grafocêntrica. Dentro desse contexto, o letramento é sempre um fenômeno plural, sendo o letramento literário uma de suas práticas ou dimensões, ou seja, aquela que envolve textos literários. Embora essencialmente correta, essa definição é por demais generalista para dar conta da especificidade dos usos e práticas sociais que constituem o processo de significação da literatura. Por isso, temos defendido que o letramento literário é mais bem concebido como a apropriação literária da literatura. Neste caso, o termo letramento consiste em um processo de construção de sentidos por meio da fala, de imagens, da escrita e tecnologias diversas. Esse processo se efetiva por meio de práticas pelas quais indivíduos, grupos e comunidades se apropriam e usam esses recursos em níveis, formas e contextos multivariados. O letramento, portanto, é uma aprendizagem sociocultural. Já o termo literário se refere à linguagem que usamos para significar simbolicamente nas palavras – e requerendo apenas palavras – nossa experiência de ser e estar no mundo. É assim que o literário que se justapõe ao letramento se refere menos a um conjunto de textos que recebe essa denominação por fazer uso dessa linguagem e mais a um modo de ler que reconhece e usa essa linguagem como uma forma singular de dar sentido e experienciar o mundo. Daí que o essencial para o letramento literário é que se considere como parte do processo não apenas as obras, mas também os repertórios de leitura – a apropriação literária da literatura.

**Entrevistadoras:** A discussão sobre letramento literário é um dos pontos de interesse nos seus estudos. Como essa discussão se tornou ponto de reflexão em suas produções?

**Rildo Cosson:** Quando trabalhava na UFPEL, coordenei, entre 1994 e 1995, uma pesquisa sobre o ensino de literatura no ensino médio, atingindo quase a totalidade de professores das escolas das redes federal, estadual e municipal da cidade de Pelotas. Fizemos um mapeamento sistemático e percebemos que, a despeito da formação e interesse de boa parte dos professores, as práticas de sala predominantes eram aquelas há muito criticadas nos estudos sobre o tema. Um dos resultados desta pesquisa foi a instituição da disciplina Metodologia do Ensino da Literatura no curso de Letras e a oferta permanente de cursos de extensão que denominei Círculos de Leitura

como parte das atividades dessa disciplina. Outro resultado, que me surgiu como um desafio, foi a necessidade sintetizar as pesquisas já realizadas e avançar em termos de proposta pedagógica para um ensino escolar da literatura – esses foram os primeiros passos. Posteriormente, já na UFMG, com a acolhida generosa de Graça Paulino e do Grupo de Pesquisa em Letramento Literário (GPELL), consolidei meus estudos em uma primeira reflexão teórico-metodológica que resultou no livro *Letramento Literário: teoria e prática*. O livro foi publicado em 2006, mas foi escrito entre 2003 e 2004, passando quase dois anos em romaria entre várias editoras comerciais e universitárias até ser aceito pela editora Contexto.

**Entrevistadoras:** Dados como os do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), do ano de 2019, e como os do Instituto Pró-livro apontam que o Brasil apresenta baixo desempenho escolar de leitura. Como o senhor avalia a leitura no nosso país? O que o senhor elencaria como necessário para o desenvolvimento de uma prática de leitura eficaz?

**Rildo Cosson:** A leitura é hoje, não só em nosso país, mas também no mundo inteiro, uma questão complexa. De um lado, há aqueles que acreditam que os leitores competentes são uma espécie em extinção e que se medidas urgentes não forem tomadas enfrentaremos grandes desafios que vão além do sistema educacional, atingindo também a economia e a política, entre outros setores. Nos Estados Unidos, por exemplo, um estudo estatístico publicado em 2004, com o expressivo título de *Reading at risk*, mostrou um declínio acentuado das taxas de letramento entre os diversos grupos sociais, especialmente entre os jovens, o que foi considerado um risco para a democracia. De outro, há aqueles que, baseados sobretudo nos números sempre crescentes da indústria do livro e do mercado editorial, defendem que a leitura e a literatura vão muito bem. O argumento básico é que os jovens leem muito, como mostram as tiragens das obras de consumo popular, o que não leem são as obras e as leituras prescritas pela escola que já não atendem às demandas e necessidades desses leitores. Entre apocalípticos e integrados e todos os pontos que ligam um pólo ao outro, o que fica evidente é que a leitura já não é mais vista como privilégio de uma elite letrada, mas sim uma condição para a vida em uma sociedade cada vez mais perpassada por uma miríade de textos escritos em suportes impressos e digitais. Daí que tenha saído do campo estritamente escolar (a antiga e não resolvida questão da erradicação do analfabetismo) para ser um direito e uma preocupação permanente do estado, do mercado e da sociedade como um todo. Com isso, a formação de leitores passa a ser responsabilidade de diversos atores e a demandar um investimento contínuo e generalizado em diferentes práticas de leituras. Entre essas práticas, a mais significativa é, certamente, a leitura literária por oferecer e demandar dos leitores a posição de sujeito da linguagem. É preciso, pois, desenvolver, fortalecer e ampliar as práticas de leitura literária dentro e fora da escola se queremos de fato formar leitores.

**Entrevistadoras:** O senhor trabalhou na Câmara dos Deputados por muitos anos, desde 2003, segundo apuramos no seu Lattes. O que te levou a trabalhar lá? O trabalho junto ao poder legislativo difere em quê do trabalho na universidade? Como esse trabalho influenciou em suas reflexões sobre linguagem, educação e política?

**Rildo Cosson:** O retorno a Brasília e o trabalho na Câmara dos Deputados se deu, inicialmente, por questões de família. Todavia, como bem me descreveu um amigo, sou como um caracol e sempre carrego uma escola aonde vou. Desse modo, assim que cheguei na Câmara, inspirado pelo que já fazia a Escola do Legislativo de Minas Gerais, que havia conhecido brevemente por meio da sua atual diretora Ruth Schmitz, apresentei dois grandes projetos ao Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor): a implantação de um programa de pós-graduação próprio e que o chamei à época de Cidadania Parlamentar – Educação Cultural para a Democracia. O Programa de Pós-Graduação do Cefor foi aprovado por unanimidade pelo CNE, no final de 2004, e credenciado pelo MEC no início de 2005. As atividades foram iniciadas com dois cursos de pós-graduação *lato sensu*, aos quais foram se somando outros até a ampliação para o Mestrado Profissional em Poder Legislativo, aprovado pela Capes em 2012. A ideia era criar ainda um curso de graduação tecnológico para todos os ingressantes na Casa. Todos os cursos reunidos resultariam na Escola Superior de Estudos Legislativos, destinada a atender não apenas aos servidores da Câmara, mas de todas as casas legislativas do país e até do Mercosul, em um esforço coletivo de profissionalização e reflexão sistemática sobre o tema. Infelizmente, por questões internas da instituição, se parou na oferta do Mestrado, que, felizmente, continua em pleno funcionamento. Já o programa Cidadania Parlamentar – Educação Cultural para a Democracia pretendia congrega, em um primeiro momento, as várias ações da Câmara dos Deputados direcionadas para o público escolar, e, posteriormente, ampliar esse público para agentes políticos de todo o país. Após várias tentativas, o Cefor decidiu criar uma coordenação chamada Educação para Democracia, que é hoje responsável pelos cursos e atividades da área, sobretudo aqueles voltados para o público escolar, a exemplo do Parlamento Jovem e do Estágio-Visita de Curta-Duração. Como a atuação institucional do Legislativo no campo educacional recebe pouca atenção da academia, percebi que era preciso investir nessa área para sustentar esses projetos. Em 2007, fiz, por meio de um pós-doutoramento, uma primeira pesquisa analisando o surgimento e o funcionamento das escolas do legislativo no Brasil. Essa pesquisa deu origem ao livro *Escolas do Legislativo, Escolas de Democracia* (2008), além de se constituir uma base para outras pesquisas e publicação de artigos relacionados ao tema nos anos seguintes. Para consolidar o mestrado, no entanto, era preciso ir mais longe. Por isso, iniciei em 2012 um estudo de maior fôlego, um novo doutorado, agora em Educação. Como parte dessa pesquisa, visitei diversas casas legislativas em vários países e realizei dois breves cursos no Parlamento do Canadá e no Parlamento do Reino Unido.

Na Inglaterra, já estava posto o conceito de letramento político [political literacy] que, embora claramente distinto, permitia uma relação com o letramento literário pelo ponto de partida comum. Foi esse elo que usei para ligar meus estudos sobre ensino de literatura com a educação para a democracia, formação escolar e formação profissional. Uma parte dessa reflexão está exposta no livro *Letramento Político: a perspectiva do Legislativo* (2019). Em suma, descobri que o percurso que fiz, ainda que muito particular, era bem antigo e já havia sido registrado etimologicamente nas palavras lei e ler que possuem a mesma origem latina: *legere*.

**Entrevistadoras:** O senhor passou por diversas universidades, tanto no Brasil quanto no exterior. A partir de sua experiência, qual seria o maior desafio para os cursos de Letras na contemporaneidade? Ou quais os desafios enfrentados pelo ensino público e superior no Brasil?

**Rildo Cosson:** Não tenho competência técnica para falar do ensino público e superior no Brasil, mas penso que os cursos de Letras tanto aqui dentro como lá fora vivem um momento abissal que diz respeito ao lugar da escrita em nossa sociedade grafocêntrica e o rápido avanço tecnológico que, ao disponibilizar massivamente o registro da imagem e do som, impacta fortemente esse lugar, ou seja, há um aparente oxímoro entre os modos dominantes da circulação da cultura, que são imagéticos e orais, e o lugar central da escrita como memória e produção do conhecimento. Os cursos de Letras, instituídos como responsáveis pelo campo de saber da língua materna, estrangeira e literaturas, a partir do final do século XIX e início do século XX, possuíam como premissa básica o acesso privilegiado ao mundo da escrita por meio da norma culta e da literatura canônica. Esses dois pilares se encontram teórica e metodologicamente em ruínas como qualquer aluno de Letras aprende hoje nas aulas de linguística e teoria da literatura, as disciplinas que o informam sobre as abordagens da linguística aplicada e as análises dos estudos culturais. Não possuímos, entretanto, posições conceituais hegemônicas ou consensuais que reorganizem o nosso campo de saber e ofereçam um tronco comum de onde deveriam partir os muitos galhos de nossas especialidades. Ao contrário, as Letras atualmente, mais que plurais, encontram-se fragmentadas em um movimento tão centrífugo que pode eventualmente levar à sua extinção como uma área coesa. Não entendemos bem e, muitas vezes, simplesmente optamos por ignorar, por exemplo, o que nossos colegas estudam, ainda que integrem a mesma linha do programa de pós-graduação. Do mesmo jeito, as palavras comuns entre nós são rótulos que dizem pouco ou recobrem apenas parcialmente o que de fato fazemos em nossas pesquisas. Aparentemente, como mostram as programações dos congressos de área, somos os novos construtores da torre de Babel. O resultado é que nossos alunos terminam o curso de Letras, sem segurança alguma ou, pior, com decisões muito singulares, sobre que língua e literatura ensinar, como ensinar essa língua e literatura e, sobretudo, porque ensinar essa língua e literatura. A questão paradoxal é que a escrita continua sendo

primordial para a vida em sociedade, mas o mesmo não pode ser dito da formação que oferecemos. Em outras palavras, precisamos rever urgentemente o presente de Thot para que possamos redefinir a nós mesmos. Assim como outros colegas, tenho tentado refletir mais sistematicamente sobre isso no que tange ao ensino da literatura. O livro *Paradigmas do ensino da literatura*, publicado em 2020, busca mostrar os caminhos percorridos no passado e as alternativas que se apresentam no presente. Neste ano de 2021, retomei a questão em um capítulo do livro *Ensino da Literatura no contexto contemporâneo*, organizado pelos colegas Francisco Neto Pereira Pinto, Luiza Helena Oliveira da Silva, Márcio Araújo de Melo e Diógenes Buenos Aires de Carvalho, intitulado “Ensino de literatura sempre: três desafios hoje”. Não acredito que haja uma resposta única, imediata e definitiva para os desafios da área, mas como sou otimista por filiação e leitura, espero que, entre outros, o movimento de renovação curricular, impulsionado pela malfadada BNCC, traga alguma contribuição positiva para o necessário aprofundamento da formação oferecida aos profissionais de Letras. Oxalá as Letras da UFAC apresentem uma alternativa viável para este quadro que traçamos.

**Entrevistadoras:** A pandemia de coronavírus transformou radicalmente o ensino universitário público no Brasil. Quais impactos e mudanças o senhor vislumbra para a universidade pública pós-covid? Em relação aos cursos de Letras, especificamente, o que a pandemia poderia nos ensinar?

**Rildo Cosson:** Além de tornar ainda mais óbvias as nossas fragilidades e dificuldades educacionais, o maior impacto é, obviamente, a generalização do ensino a distância. Esse processo, que já vinha engatinhando e que recebeu uma aceleração descomunal na pandemia, tem perdas e ganhos. A perda que os professores de minha geração mais se ressentem é da unidade aula construída em torno de uma interação face-a-face que os recursos midiáticos não conseguem efetivamente substituir. Não se trata da dificuldade que temos em lidar com a tecnologia mais recente, o que também é uma realidade, mas sim do desaparecimento do diálogo simultâneo que envolve a voz, os olhos, os movimentos e o corpo inteiro em fusão com a mente. Desde os jardins da academia platônica, esse modo de exposição e discussão presencial acompanha a relação docente-aluno em vários modelos pedagógicos. Ao ser transposta para as telas ou ser substituída por outros recursos tecnológicos, a aula perde não só a condição de uma interação espacialmente determinada, como também toda uma gama de construção de sentidos e trocas cognitivas que a presença simultânea e não mediada usualmente concentra e potencializa. Já o ganho mais evidente é a facilidade do contato mediado entre as pessoas e a rapidez de acesso aos mais diversos tipos de textos numa miríade de formas e cores que mais dispersam do que prendem a atenção. Entre um e outro ganho, há o risco da superficialidade de um ensino que fica cada vez mais próximo do registro curto dos verbetes de uma enciclopédia e cada vez mais longe das leituras aprofundadas e da reflexão

decantada que leva ao domínio de um campo de saber. Mas essa é, certamente, a voz de um velho do Restelo. Talvez seja mesmo nesse mar sem fim do mundo digital em que todos fomos subitamente obrigados a nos lançar que devemos buscar as respostas para o futuro do ensino na escola e na universidade. Essa é a principal tarefa das novas gerações de alunos e professores.